

ASPECTOS DO REGIONALISMO NA OBRA “SÃO BERNARDO” DE GRACILIANO RAMOS

SANTOS, Marilene de Jesus (acadêmica)

lenedejesus@yahoo.com.br

SANTOS, Thamara Cristina Barreto (acadêmica)

thamarabarreto@yahoo.com.br

CHAGAS, Valéria Cristina Nunes (acadêmica)

valeriacristina@yahoo.com.br

OLIVEIRA, Jeusinete Paula de (Orientadora)

Graduada em Letras Português-Inglês, especialista em

Crítica Literária, professora do curso de Letras

Português da Universidade Tiradentes-UNIT

jpdo@infonet.com.br

RESUMO

O presente artigo científico se propõe a realizar um breve estudo sobre os aspectos regionalísticos observados na obra São Bernardo de Graciliano Ramos. O trabalho em tela encontra-se dividido em três tópicos, um introdutório onde são apresentadas a justificativa e os objetivos que nortearam esta produção acadêmica; o segundo tópico se propõe a realizar um resumo da corrente e das características literárias da produção intelectual de Graciliano Ramos. Também um terceiro tópico, onde se procurou construir uma abordagem crítica sobre o regionalismo presente na referenciada obra de Graciliano Ramos, para culminar com o tópico conclusivo onde são tecidas algumas considerações das autoras sobre o trabalho como um todo. Como metodologia de trabalho o artigo contou com uma pesquisa bibliográfica e eletrônica, a qual teve por objetivo aprofundar conhecimentos sobre a obra e a produção literário-intelectual de um dos mais expressivos representantes da literatura nacional.

Palavras-Chave: Autenticidade; literatura; nordeste; regionalismo.

1. INTRODUÇÃO

A história do Brasil é sem dúvida, resultado das múltiplas influências que recebemos dos três grupos étnico-culturais que formaram a cultura nacional. Até a semana de 1922 (Semana de Arte Moderna), a Literatura brasileira teria sido apenas um arremedo, uma vez que suas preocupações redundavam na prática reiterada de imitação da cultura européia. Evidentemente que a Semana de Arte Moderna fora apenas o estopim para que a literatura nacional fosse aos poucos mostrada à nação, e revelando a face multifacetada das nossas expressões culturais.

A literatura, uma das expressões artísticas mais complexas, tem uma nobreza própria, calcada na possibilidade incontestável de trazer os relatos mais completos, complexos e inusitados sobre a natureza humana, seu modo de vida, seus hábitos, as visões de mundo, às vezes tão únicas e às vezes tão lugar comum.

Nesse contexto, o presente artigo científico se propõe a trazer à luz, breves considerações sobre a importância da obra literária de Graciliano Ramos, “São Bernardo”, e de modo particular, procurar analisar o caráter regionalista daquela narrativa em que pese ser o seu autor, uma dos mais mordazes representantes da literatura brasileira e nordestina brasileira.

Merece destaque o fato de que a referida obra, teria sido escrita nos anos de 1930, um período em que politicamente o Brasil passava por sérias transformações políticas (principalmente com a ocorrência da Revolução de 1930, e o fim da influência da Política do Café com Leite, bem como uma época de perseguições políticas aos comunistas e aos militantes políticos contrários aos interesses do então governante Getúlio Vargas).

O artigo em comento, encontra-se dividido em uma introdução e três tópicos. A introdução cuja função é apresentar o trabalho como um todo. O segundo tópico procura tratar

em linhas gerais um breve esboço da literatura brasileira na década de 1930. Na seqüência o tópico terceiro, representa um estudo específico sobre a literatura de Graciliano Ramos. O quarto tópico corresponde a uma análise do aspecto regionalista evidenciado na obra “São Bernardo” de Graciliano Ramos.

2. A LITERATURA BRASILEIRA DA DÉCADA DE 1930

Inicialmente se faz necessário rememorar o fato segundo o qual, a geração de 1922 colocou o projeto estético tendo sido um movimento que objetivou atualizar as formas artísticas brasileiras com as inovações vanguardistas, enquanto que a geração de 1930 enfatizou, em suas obras, as questões sociais e ideológicas.

O cenário político ideológico mundial estava impregnado das idéias comunistas, pelo fascismo em ascensão e, em terras nacionais, em busca por uma alternativa de realização de contrapontos à política getulista.

No contexto brasileiro poucos foram os escritores que, na década de 1930, não se filiaram a alguma das correntes extremistas e politicamente vinculados a movimentos socialistas. Aqueles que não realizaram nenhum tipo de engajamento político, ao menos simpatizavam com o ideário defendido pelas esquerdas nacionais., como se dizia então.

O grupo liderado por Plínio Salgado, Otávio de Faria e Menotti del Picchia engajaram-se na extrema direita. Alguns, como Vinícius de Moraes, José Lins do Rego e Ronald de Carvalho, apenas flertaram com as idéias fascistas. Entretanto, em todos eles, à

direita ou à esquerda, havia um denominador comum: a percepção do atraso do país e a certeza de que a receita liberal-democrática, não se podia aplicar à realidade brasileira.

A literatura nacional naquele período encaminhava-se para encampar certo engajamento social, à luz do que ocorrera com o Romantismo, a década de 1930, preocupou-se em inovar para conscientizar o povo brasileiro, produzindo uma outra visão e uma outra interpretação para a realidade do país.

A década de 30 foi marcada também por um impressionante florescimento de estudos sobre a sociedade brasileira, como por exemplo Gilberto Freyre (*Casa-grande e senzala*, 1933); Caio Prado Júnior (*Evolução política do Brasil*, 1933); e Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*, 1936) são os mais conhecidos.

Despontam como autênticos representantes do romanceiro nacional na década de 1930, autores como: Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Érico Veríssimo e os demais autores adotaram alguns princípios básicos do romance realista.

O romance produzido nessa fase, considerado pelos críticos como realista, reunia características como: a) verossimilhança, b) correspondia muitas vezes a um retrato da realidade e seus elementos histórico-sociais; c) apresentavam certa linearidade da narrativa; d) personagens representativos das classes sociais; e) construção de uma ficção, enquanto instrumento para representar a idéia de abrangência e totalidade.

Em linhas gerais, esboçou-se no Brasil uma abordagem literária denominada de neo-realismo. O neo-realismo, cujas características enfatizava uma literatura comprometida com os temas regionais, e primou por revelar à nação brasileira, fatos e realidades da região Nordeste, suas mazelas, e os dramas de seu povo.

Importante ressaltar que, dentre as temáticas exploradas pela literatura neo-realista, brasileira destacam-se: relações de trabalho arcaicas e próprias dos rincões do país, exploração da mão-de-obra, opressão, banditismo, coronelismo, cangaço, seca, miséria, fome.

3. O NEO-REALISMO E A LITERATURA DE GRACILIANO RAMOS

Segundo Gonzaga¹, a literatura brasileira da década de 1930 trouxe em seu bojo,

“Um conjunto de narrativas, escritas entre os anos de 1930 e 1960, por um mesma geração, oriunda de famílias oligárquicas decadentes, com uma visão de mundo crítica, um sentido missionário da literatura e padrões característicos bastante próximos do realismo do século XIX.”

Nesse passo, a análise da Literatura de Graciliano Ramos evidencia que ele é um exímio representante da segunda fase do Modernismo brasileiro, Graciliano Ramos teria produzido uma prosa cuja característica basilar pauta-se na realização da crítica social coadjuvada pela busca incessante para desvendar a alma e natureza humanas.

Dessa forma, segundo publicação eletrônica²,

(...) o meio ambiente em que a narrativa de Graciliano Ramos em sua obra São Bernardo, integrava-se ao indivíduo, parecendo fazer parte dele. O estilo do escritor, seco, conciso, direto, desprovido de qualquer marca de sentimentalidade, casava-se perfeitamente com o ambiente em que se passavam as ações de seus romances, e com as personalidades das personagens que neles viviam.

¹ http://educaterra.terra.com.br/literatura/resumao/resumao_12.htm, acessado em 28/05/2007.

² <http://manoelmar.sites.uol.com.br/saobernardo/personagens.htm>, acessado em 25/05/2007.

Pode-se dizer que em sua obra São Bernardo, Graciliano Ramos reside certa crítica e denúncias sociais ambientadas na região Nordeste do Brasil e apresentada sempre em tom de crítica.

Em entrevista concedida pelo escritor em 1948³, exibida no site oficial de Graciliano, o autor explana sua maneira de escrever:

“Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.” Graciliano Ramos, em entrevista concedida em 1948.

Não resta dúvidas sobre a natureza ao mesmo tempo simples e aguda contida nos escritos de Graciliano Ramos, a simplicidade parece, por vezes, seu instrumento para dizer verdades indizíveis, dolorosamente perturbadoras.

3.1 UM OLHAR DOS CRÍTICOS LITERÁRIOS SOBRE A OBRA DE GRACILIANO RAMOS

A Literatura é ramo do conhecimento humano que se tem mostrado campo fértil a uma infinidade de indagações e pesquisas das mais diversas matrizes, bastando apenas que a produção intelectual dela decorrente apresente coerência com o contexto da obra eventualmente trabalhada. Dessa forma, um estudo mais aprofundado acerca da linguagem de cunho regionalista, tendo por base o discurso literário, encontra farto material nas obras do

³ <http://www.graciliano.com.br/entrada.html>, Acessado em 27/05/2007.

escritor alagoano, caracterizado literariamente como regionalista, Graciliano Ramos, notadamente em sua obra “São Bernardo”.

Como aponta Afrânio Coutinho: “A obra romanesca de Graciliano Ramos abarca o inteiro processo de formação da realidade brasileira contemporânea, em suas íntimas e essenciais determinações”. (COUTINHO,1970,p.73)

Considerando a variedade dos falares regionais existentes no Brasil, tal fato suscitou o olhar de vários teóricos de renome que adentraram no legado lingüístico, estilístico e sociológico contidos na obra de Graciliano Ramos. Dentre os teóricos destacam-se: Nelson Werneck Sodré em 1995, ao debruçar-se sobre a estrutura de valores dos modos de narrar, Carlos Nelson Coutinho em 1972, Afrânio Peixoto 1970 e Antônio Cândido 2000, que enveredaram no estudo da obra graciliânica, dessa feita sob a perspectiva sociológica, concentrando esforços na análise das relações sociais do mundo das personagens retratadas.

À luz dos teóricos retrocitados, o regionalismo no Brasil inicia-se a partir do momento em que se aprofundam e se generalizam, diversas manifestações culturais e sociais fiéis à realidade que representam, permitindo por via de consequência, que as personagens retratadas na ficção, o sejam de modo a permanecer fiel à linguagem coloquial com a qual representam as regiões das quais são oriundas.

Nesse sentido a realização de um estudo objetivando uma investigação mais aprofundada sobre a evolução da Literatura brasileira de caráter regionalista, se apresenta de grande importância.

Bom frisar que, a tentativa de criar uma Literatura genuinamente nacional, capaz de caracterizar os exotismos, ritmos e vocabulário, esteve presente em vários movimentos literários ocorridos no Brasil, e em diferentes fases da história pátria. Tal estado de coisas merece um olhar mais acurado acerca desses movimentos.

Antônio Candido, em “Presença da Literatura Brasileira: História e Antologia”, dentre os que fazem alusão à problemática do regionalismo, é o que melhor esclarece a escala de tentativas de introdução desse conteúdo nos movimentos que antecederam o modernismo.

Ressalte-se que, escritores Indianistas, Romântico, Naturalista e Regionalista tentaram, em consonância com as características de cada estilo, registrar aspectos da literatura regionalista.

Nesse sentido,

“O estilo quando simples parece mais real e natural: quando complicado parece mais artístico que o dos românticos. Mais em ambos os casos parece mais adequado á nossa sensibilidade moderna. Mas a principal conquista expressiva talvez tenha sido a diminuição do tom declamatório e dos torneios alambicados, que desmancham o efeito de boas páginas românticas”. (CANDIDO, 2000, p.98).

Ainda segundo Antonio Candido, é na segunda fase desse movimento, inserida num período entre duas guerras mundiais, que surge no Brasil de 1928, um grupo de escritores do qual faziam parte: Jorge Amado, Érico Veríssimo, José Lins do Rego, Cyro Martins, Raquel de Queiroz, Ivan Pedro de Marins, Aureliano de Figueiredo Pinto e Graciliano Ramos. Tais escritores, seguindo a evolução do romance brasileiro, também são responsáveis pelo crescimento progressivo do que alguns críticos denominaram: Literatura regionalista ou romance de 1930.

À luz dessas considerações, diz a literatura especializada que os romancistas de 30 registraram na literatura brasileira uma nova estética, reveladora dos problemas regionais e suas peculiaridades. No tocante a Graciliano Ramos sua obra “São Bernardo” é incontestavelmente uma representante do regionalismo próprio da literatura brasileira da década de 1930.

Na seqüência serão cotejados alguns aspectos do regionalismo presente na obra “São Bernardo” de Graciliano Ramos.

4. VISÃO CRÍTICA DO REGIONALISMO PRESENTE NA OBRA ‘SÃO BERNARDO’ DE GRACILIANO RAMOS.

A tradição regionalista no romance brasileiro ocorrera após uma longa trajetória, que teve início com as preocupações nacionalistas dos autores românticos do século XIX (1801-1900). Já os escritores da geração de 1930 passaram a interpretar a realidade regional como forma ora de demonstrá-la ora como crítica de uma realidade dura e desigual particularmente no Nordeste, e graças a contribuições com as representadas pela letra literária de Graciliano Ramos.

O retrato sem embelezamentos produzido por Graciliano Ramos em sua literatura, é demonstração inequívoca da singularidade do regionalismo desse autor. Enquanto que nos demais escritores regionalistas a terra natal é descrita como sendo um paraíso, e seus habitantes heróis; em Graciliano o paraíso não existe, e as coisas são do jeito que são, sem rebuscamentos, sem ilusões.

A literatura regionalista de Graciliano Ramos é demonstrativa da realidade da região nordestina de Alagoas, muito bem escaneada em “São Bernardo”; onde seu autor utiliza-se da linguagem coloquial visando situar o leitor de maneira plena. Sobre o contexto lingüístico, sociológico e psicológico daquela região.

Com “São Bernardo” Graciliano Ramos marca - em sua obra e na história do romance brasileiro posterior a Machado de Assis - a passagem da crônica à história concreta, a superação de um naturalismo que se contentava em descrever a superfície da realidade por um realismo verdadeiro como a vida. (COUTINHO, N,1970,p.74)

O livro “São Bernardo” de Graciliano Ramos é o segundo publicado pelo autor no auge do período getulista. A narrativa é forte, precisa, chegando por vezes a aridez de quem não teme em dizer verdades que machucam.

Narrado em primeira pessoa, está encarnada pelo personagem Paulo Honório, o romance assume características de uma busca incessante do seu narrador / autor, de certa compreensão do que fora sua vida.

Constitui a narrativa de Graciliano uma narrativa que se faz presente na letra e na voz que inaugura o romance com a fala de Paulo Honório que, em suas páginas iniciais anuncia o objetivo da empreitada literária, ao tempo em que informa o leitor que histórias serão contadas ali. Reitera o narrador que para que sua literatura chegue ao leitor, necessitará este da colaboração de amigos (mais letrados que o narrador), entre eles o Padre Silvestre e de Gondim, redator e diretor de um jornal. Na seqüência a impossibilidade de contar com os préstimos literários de seus amigos, faz com que o próprio Paulo Honório, encabece sua narrativa.

O enredo levado a termo em “São Bernardo”, é simples e linear. Ambientado nos sertões do Estado de Alagoas, traz o relato de origem humilde e que crescem executando trabalhos braçais nas lavouras da região, e praticando pequenos ilícitos, consegue à guisa de muito esforço e sacrifícios ascender econômica e socialmente na região, a ponto de adquirir a fazenda São Bernardo”, localidade que no passado, trabalhara como lavrador.

Os projetos de vida esboçados pelo personagem principal, pautados no sucesso financeiro e na aquisição de terras, reforçam a cultura historicamente introjetada no povo brasileiro, e no Nordeste dos anos 30 principalmente, qual seja a de valorizar-se o latifúndio, o poder da terra, o mando coronelístico, tão comuns ao cotidiano nordestino dos anos de 1930.

Dessa feita, a aquisição de São Bernardo, os casamentos com a professora primária revelam a face regionalista e o universo do povo humilde dos rincões nordestinos onde, por exemplo, “casar bem”, é, casar com fazendeiro, e “moça boa pra casar”, é a professorinha do lugar.

Segundo BOSI (1994, p.454)

“O realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O "herói" é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar (...)”

Outro aspecto relevante da Literatura de Graciliano Ramos, esboça em “São Bernardo” refere-se à linguagem, ao qual, a grosso modo, procura imitar e camuflar as contradições de um país que passava de uma economia rural para outra urbano-industrial (pois na década de 1930, Getúlio começa a impulsionar a industrialização no Brasil).

Desse modo, encontramos na narração de Paulo Honório um discurso regional, com expressões nordestinas, mas que não foge ao padrão gramatical médio de qualquer centro urbano brasileiro. O livro põe em discussão questão importante para os modernistas: como deveria ser escrito um livro, se com uma linguagem distante da realidade imediata das pessoas comuns, como queria Gondim, ou na maneira simples e coloquial do próprio Paulo Honório. Vence a segunda opinião.

Os leitores mais críticos de Graciliano Ramos aponta sua obra e seu estilo como tendo tido sempre uma preocupação em escrever e dizer apenas o necessário, abolindo dessa forma, todo excesso, toda informação supérflua. O estilo “ enxuto” com o qual escrevia, não comprometia a objetividade de sua narrativa, senão vejamos:

“Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma idéia que me veio sem que nenhum rabo-de-saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar”.(RAMOS:1996,p.57).

Ao comentar sobre o caráter a classe política brasileira daqueles tempos, e sobre o que eles faziam na capital federal:

- O que precisamos é de uma elite.

- Perfeitamente, apoiou João Nogueira, uma oligarquia.

Mas o dr. Magalhães embirrou como nome:

- Ah! Não.

- Ora essa! exclamou João Nogueira. Só podemos ter no governo uma elite de poucos indivíduos. É oligarquia.

- Mas que é que a oposição faz senão berrar nos jornais e nos meetings contra isso?perguntei.

- A oposição não sabe o que diz. Nós temos lá oligarquia? Temos uma quantidade enormes de cavadores no poder. Só os congressistas! E os ministros, os presidentes, os governadores, os secretários, os políticos do sul.Muito dente roendo o tesouro. E que súcia! Veja os nossos representantes no congresso federal. Que diz, seu Magalhães? (RAMOS:1996,p.68)

Ao tecer comentários, uma crítica velada, em relação a baixa remuneração do trabalho do professor (em alusão aos vencimentos de D. Madalena), assim se referia Paulo

Honório:

(...) –“ Cento e oitenta mil -réis.

- Cento e oitenta mil- réis: Esta aí! É uma desgraça, minha senhora. Como diabo se sustenta um cristão com cento e oitenta mil –réis por mês? Quer que lhe diga? Faz até raiva ver uma pessoa de certa ordem sujeitar-se a semelhante miséria. Tenho empregados que nunca estudaram e são mais bem pagos. Por que não aconselha sua sobrinha a deixar essa profissão, d. Glória?” (RAMOS:1996, p.76-77).

Comentários do narrador sobre a técnica que adota para escrever:

(...) “Essa conversa, é claro, não saiu de cabo a rabo como está no papel. Houve suspensões, repetições, mal-entendidos, incongruências, naturais quando a gente fala sem pensar que aquilo vai ser lido. Reproduzo o que julgo interessante. Suprimi diversas passagens, modifiquei outras. O discurso que atirei ao mocinho do rubi, por exemplo, foi mais enérgico e mais extenso que as linhas chochas que aqui estão.(...) é o processo que adoto; extraio dos acontecimentos algumas parcelas; o resto é bagaço”.(...) (RAMOS: 1996,p.77)

Ao discorrer sobre o estilo da escrita literária de Graciliano Ramos, JUNIOR (2007, p.28), afirma que,

“Era dono de um estilo que o lugar-comum consagrou como seco, tais quais as paragens e personagens ermas que retratava. Na fala ou na escrita, Graciliano Ramos foi homem de poucas palavras, literalmente. (...) A contribuição inestimável de Graciliano está no chão exato que liga a força bruta do enredo a uma forma rara de economia narrativa.”

Exemplifica o comentário retromencionado a descrição inicial, curta, seca e simples da personagem principal “São Bernardo”, senão vejamos:

“Começo, declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinquenta anos pelo São Pedro. A idade, o peso, as sobranceiras cerradas e grisalhas, este rosto vermelho e cabeludo têm-me rendido muita consideração. Quando me faltavam estas qualidades, a consideração era menor” (RAMOS:1996,p.10)

Para SILVEIRA (2007: p.30),

“O que distingue Graciliano Ramos dos outros escritores modernos do Brasil é, principalmente, esta autonomia que cada personagem seu possui dentro do livro, vivendo sua vida egoísta sem se incomodar com a vida dos outros. São caminhos que nunca se cruzam (...) Houve alguém que já asseverou ser Graciliano o iniciador do romance vertical do Brasil”.

No dizer de BOMFIM⁴ (2003), sobre a natureza da produção literária de Graciliano Ramos:

“Ressalta-se a integridade do intelectual, o rigor artesanal da sua escrita. Dele, destacam a frase de que a palavra não existe para brilhar, mas para ser dita ou escrita. O regionalismo que assume caráter universal e de crítica social. A apreciação minuciosa do sistema econômico atrasado e sufocante do Nordeste, e em particular de Alagoas, como laboratório da sua produção artística. O realismo dos personagens, inspirados, a maioria, em tipos conhecidos e identificáveis da nossa província”.

⁴ www.vermelho.org.br/diario/2003/0315/bonfim_0315.asp?NOME=Eduardo%. Acesso em 25Maio de 2007.

Revisitemos o texto de São Bernardo, para encontrarmos uma rápida e precisa descrição de uma festa típica do Nordeste, o dia em que se comemora o São João:

(...)” Nas noites de São João uma fogueira enorme iluminava a casa de seu Ribeiro. Havia fogueiras diante das outras, mas a fogueira do major tinha carradas de lenha. As moças e os rapazes andavam em redor dela, de braço dado. Assava-se milho verde nas brasas e davam-se tiros medonhos de bacamarte. O major possuía um bacamarte, mas o bacamarte só se desenferrou pelos festejos de São João”.(RAMOS: 1996,p.36)

Em apêndice ao texto principal (São Bernardo) Lafetá (1996) tece uma análise crítica do estilo e da forma com a qual escreve Graciliano Ramos, cotejando suas considerações com transcrições literais do texto. Na esteira de suas análise faz uma clara distinção entre descrição literária de cena, e de sumário narrativo, associando a segunda modalidade à narrativa contida em “São Bernardo”.

Assim Friedman apud Lafetá (1996:p.196) conceitua sumário narrativo como sendo “a exposição generalizada de uma série de eventos, abrangendo certo período de tempo e uma variedade de locais. A cena por sua vez, implica na apresentação de detalhes concretos e específicos”

Segundo o raciocínio anteriormente esboçado, está cristalino que em São Bernardo, o seu autor utiliza-se do sumário narrativo para desvendar e criticar o seu tempo, e em especial as vilanias historicamente reiteradas de sofrimento, miséria e fome na qual vivia o populacho humilde e pobre dos sertões de Alagoas.

A seqüência da narrativa a seguir transcrita, é exemplo claro de sumário narrativo, senão vejamos:

“O dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora da onça beber água deu-me com o cotovelo, ficou palitando os dentes. Andei, virei, mexi, procurei empenhos- e ele duro como beira de sino. Chorei as minhas desgraças: tinha obrigações em penca, aquilo não era trato, e tal, enfim, etc. O safado do velhaco, turuna, homem de facão grande no município dele, passou-me um esbregue. Não desanimei: escolhi uns rapazes em Cancalancó e quando o doutor ia para a fazenda cá-lhe em cima, de supetão. Amarrei-o, meti-me com ele na capoeira, estraguei-lhe os couros nos espinhos dos mandacarus, quipás, lastrados e rabos-de-raposa.
- Vamos ver quem tem roupa na mochila. Agora eu lhe mostro com quantos paus se faz uma canoa.

O doutor, que ensinou rato a fura almotolia, sacudiu-me a justiça e a religião.
 -Que justiça! Não há justiça nem há religião. O que há é que o senhor vai espichar aqui trinta contos e mais os juros de seis meses. Ou paga ou eu mando sangra-lo devagarinho.
 Dr. Sampaio escreveu um bilhete à família e entregou-me no mesmo dia trinta e seis contos e trezentos. Casimiro Lopes foi o portador. Passei o recibo, agradei e despedi-me: (...)” (RAMOS, 1996,p.13)

CONCLUSÃO

A Literatura brasileira proveniente dos anos de 1930, corresponde à segunda fase do Modernismo no Brasil, cuja tônica dos seus escritos repousa na denúncia e críticas sociais e na proposta de dar uma maior visibilidade a algumas problemáticas nacionais.

O chamado neo-realismo literário brasileiro construiu seu arcabouço teórico-conceitual em face da questão nordestina, onde autores da lavra de Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, trataram as mazelas socioeconômicas e sócio-políticas do Nordeste brasileiro, num tom que era um misto de revolta exarcebada e criticidade mordaz.

Sertão, seca, miséria, Coronelismo, latifúndio, bandidagem, elites sem compromisso, tudo, revelado em prosa e romances da maior autenticidade. Personagens, paisagens, linguagem, costumes e hábitos do Nordeste dos anos 30, vêm rememorado com primazia, na escrita de Graciliano em “São Bernardo”. Também são destacados a beleza ingênua do povo nordestino, a religiosidade, os festejos populares, tudo a desnudar o universo alagoano.

A obra São Bernardo, ainda que construída como narrativa em primeira pessoa, consegue retratar os costumes, os hábitos, os valores introjetados no povo e lama nordestinos. O juiz, o padre, o advogado, o latifundiário, o homem de “posses”, são a elite, por vezes corrupta, tacaña e mesquinha que se reordena e revive em cada cidadezinha do Nordeste do país. Tanto faz Viçosa, Arapiraca, Canindé do São Francisco, os grupos hegemônicos e politicamente influentes unem-se quase sempre aos mesmos interesses.

O compadrio, as conversas e “acertos” políticos, forjados e conquistados sob o domínio dos acordos e conchavos eleitoreiros, a política da troca de favores, o apadrinhamento, tudo discreta e duramente revelado na obra do “Mestre Graça”.

Também clichês como: a solteironas loucas pra casar; a professorinha admirada e cortejada pelos homens do lugar; os crimes de mando; os capangas; as relações semi-escravistas que ainda perduravam no Brasil que Graciliano Ramos buscara revelar em seu “São Bernardo”, e mais especificamente nas práticas “administrativas de Paulo Honório para com os empregados da fazenda”.

O regionalismo tão propalado na obra São Bernardo de Graciliano, revela-se a cada página, narrativa e ambientação que a letra de seu personagem principal imprime ao escrever em primeira pessoa a saga do homem simples, pobre, pouco instruído, cujo sonho e projetos de vida repousa na possibilidade de adquirir terras e tornar-se um latifundiário, e reproduzir a sua história de miséria e opressão, junto às pessoas que passam a viver sob sua dependência econômica.

Assim, Cangaço, misticismo carismático, secas, código primitivo de honra, aspectos textuais observáveis na Literatura de Graciliano Ramos e especificamente em “São Bernardo”. Também a beleza ingênua do povo nordestino, a religiosidade, os festejos populares, tudo constitui cenário para a construção da narrativa deste autor.

REFERÊNCIAS

- ABEL, Carlos Alberto. **Estudos de literatura brasileira**. 20.^a ed, São PAULO: Cultrix,1978.
- ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: Martins,1974.
- BOMFIM, Eduardo. **Graciliano**. Disponível em:[http:// www.vermelho.org.br/diario/2003/0315/bonfim_0315.asp?NOME=Eduardo%](http://www.vermelho.org.br/diario/2003/0315/bonfim_0315.asp?NOME=Eduardo%). Acesso em 30 de maio de 2007.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antonio. **Presença da literatura brasileira: história e antologia**.10.^a ed.Rio de Janeiro:Bertrand Brasil,2001.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura no Brasil**.4.^a ed, Rio de Janeiro:Sul América,1975.
- MARTINS, Wilson. **A literatura brasileira: o Modernismo**. São Paulo, Cultrix,1977
- MOISÉS, Massaud. **A literatura Brasileira através de textos**.23.^a Ed, São Paulo: Cultrix,1999.
- RAMOS,Graciliano. **São Bernardo**.66.^a ed, São Paulo:Record.1996.
- REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. Ano III.18.São Paulo:Editora Segmento, 2007. P. 28 a 32
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 9.^a ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,1995.
- Disponível na Internet
- http://educaterra.terra.com.br/literatura/resumao/resumao_12.htm.Acesso em 28/05/2007.
- <http://manoelmar.sites.uol.com.br/saobernardo/personagens.htm>. Acesso em 25/05/2007.
- www.vermelho.org.br/diario/2003/0315/bonfim_0315.asp?NOME=Eduardo%. Acesso em 25/05/2007